



AMBIENTES RESTAURADORES NO CONTEXTO DE TRABALHO
RESTORATIVE ENVIRONMENT IN THE WORKPLACE
AMBIENTES RESTAURATIVOS EM EL CONTEXTO LABORAL

Adria de Lima Sousa
Maria Inês Gasparetto Higuchi
Bettieli Barboza da Silveira

RESUMO

Este estudo aponta a implicação do lugar de trabalho no bem-estar dos trabalhadores em ambiente florestado. Pesquisas reconhecem a natureza como ambientes restauradores. Mediante observações participantes e 36 entrevistas, identificou-se categorias de análise que evidenciaram distintas percepções sobre o lugar, como afeto positivo e restauro psicológico inclinado à configuração espacial, contato com a natureza, amenização do calor e estrutura física convidativa à interação. Há estressores direcionados à ausência de privacidade e acidentes provenientes da floresta. Estima-se colaborar com o melhor entendimento das relações pessoa-ambiente em contextos de trabalho e a respeito dos ambientes restauradores e suas implicações na saúde.

Palavras-chave: Ambiente restaurador; saúde; trabalho; ambiência; psicologia ambiental.

ABSTRACT

This study indicates the implication of the workplace in the well-being of workers in the forested environment. Research recognized in nature as restorative environments. Through participants and 36 interviews, categories of analysis were identified that show different perceptions about the place, such as after positive and restored psychological inclined to spatial configuration, contact with nature, soothing of heat and physical structure customizable to the interaction. There are stressors directed at the absence of privacy and forest accidents. Estimated collaboration with a better understanding of person-environment relationships in work contexts and respect for restorative environments and their implications for health.

Keywords: restorative environment; health; work; ambience; environmental psychology

RESUMEN

Este estudio indica la implicación del lugar de trabajo en el bienestar de los trabajadores en el entorno forestal. Investigación reconocida en la naturaleza como ambientes restauradores. A través de los participantes y 36 entrevistas, se identificaron categorías de análisis que muestran diferentes percepciones sobre el lugar, como después de una psicología positiva y restaurada inclinada a la configuración espacial, contacto con la naturaleza, ablandamiento del calor y estructura física personalizable para la interacción. Hay factores estresantes dirigidos a la ausencia de privacidad y accidentes forestales. Colaboración estimada con una mejor comprensión de las relaciones persona-medio ambiente en contextos de trabajo y respeto por los entornos restaurativos y sus implicaciones para la salud.

Palabras clave: Ambiente restaurativo; salud; trabajo; ambiente; psicologia ambiental.



INTRODUÇÃO

A Psicologia Ambiental (PA) tem caráter interdisciplinar. Como área do conhecimento possui o objetivo de estudar as relações bidirecionais entre as pessoas e os ambientes, sejam eles naturais ou construídos (Kuhnen, 2009). Pesquisadores têm evidenciado os efeitos benéficos de ambientes com predominância de natureza para o bem-estar das pessoas e potencial capacidade de diminuição dos níveis de estresse e de fadiga de atenção, sobretudo em grandes cidades (Carrus, Laforteza, Colangelo, Dentamaro, Scopelliti, & Sanesei, 2013; Sousa, 2015).

Dentre as vertentes teóricas engajadas em compreender a influência de bons ambientes para a saúde humana, destaca-se aqui a Teoria da Restauração da Atenção (TRA) de Kaplan e Kaplan (1989) e a Teoria da Recuperação Psicofisiológica do Estresse (TRPE) de Ulrich (1984), que dão base para se compreender os “ambientes restauradores”. Na TRA se admite que os ambientes restauradores são aqueles capazes de recuperar a atenção fatigada, comprometida pela concentração em atividades específicas, repetidas e típicas da vida cotidiana (Kaplan & Kaplan, 1989; Alves, 2011; Sousa 2015).

No que diz respeito à TRPE, Ulrich et al., (1991) explicam como determinadas configurações ambientais facilitam e até promovem o restabelecimento dos recursos psicofisiológicos alterados durante uma reação de estresse. Para o Ulrich (1999) os principais atributos ambientais favoráveis à restauração são: moderada complexidade; presença de ponto focal; moderada profundidade e limites claros; ordem; superfície pisoteável e uniforme; configuração que permite rápida revelação dos elementos ainda fora do campo visual; ausência de ameaças; presença de água e vegetação. Considerando que ambas as teorias dialogam sobre efeitos restauradores, será utilizada a noção de “Restauo psicológico” para abordar os benefícios do contato com a natureza.



Pesquisas indicam que tanto ambientes naturais quanto construídos possam ser considerados ambientes restauradores. No entanto, há uma predominância de estudos que evidenciam o potencial de ambientes naturais como restauradores (Subiza-Pérez, Vozmediano, & San Juan, 2017; Gressler, & Günther, 2013; Gressler, 2014). Ao explorar características de ambientes urbanos, alguns estudos destacam fortes associações entre resultados de saúde e o ambiente físico em que uma pessoa habita (Gidlow et al., 2016; Ratcliffe, Gatersleben & Sowden, 2013).

O presente estudo procurou examinar um contexto de trabalho que contempla um misto de elementos construídos e naturais. Dessa forma, o lócus da pesquisa foi uma instituição pública situada na cidade de Manaus-AM que se constitui como referência mundial em pesquisas sobre o meio ambiente amazônico. O lócus de pesquisa foi construído no meio da floresta, mantendo tal característica até hoje, com árvores de grande porte e demais vegetação amazônica, incluindo ainda sua fauna que circula livremente.

Por sua configuração espacial repleta de fragmentos florestais amazônicos, o campus do Instituto de Pesquisas poderia facilmente ser apontado como um ambiente restaurador. No entanto, é válido ponderar que esta não é uma relação necessária e tampouco óbvia.

Como representante de um macro área verde no planeta, a floresta amazônica é vivida e imaginada de diferentes maneiras. Há distintas percepções para quem mora longe e a percebe a partir de uma visão distanciada, assim como se encontram pluralidades nas sensações dentre aqueles que vivem e experienciam em suas proximidades (Forsberg, 2012). Estudos realizados com populações residentes em unidades de conservação no interior da Amazônia para verificar a percepção ambiental de seus moradores, constataram que, apesar de atribuírem importância à existência da floresta, a percebem como um lugar longínquo e inóspito para os seres humanos (Higuchi & Calegare, 2013). Desse modo, endossamos a



importância de se considerar as configurações dos ambientes, os aspectos socioculturais e as subjetividades das pessoas que vivenciam os lugares, para que seja possível analisar as inúmeras conexões e contrastes permeados em tais interações.

Via de regra as pessoas tendem a buscar espaços naturais a partir da percepção de suas qualidades estéticas e da possibilidade de restabelecimento e manutenção de um bem-estar físico e psicossocial (Felippe, Kuhnen, Silveira & Lelli, 2017; Sousa, Medeiros, Albuquerque, & Higuchi, 2015). Há muitos estudos apontando para os benefícios proporcionados pela aproximação com a natureza e com o cuidado ambiental (Corral-Verdugo, 2012; Nisbet, Zelenski & Murphy, 2011). Todavia, também se localizam estudos que dialogam sobre sentimentos ambivalentes de residentes de centros urbanos em relação às áreas verdes (Bonnes, Passafaro & Carrus, 2011).

Em consideração ao contexto amazônico e a configuração espacial da cidade de Manaus, a floresta e os fragmentos florestais se apresentam como paisagens muito presentes e próximas dos olhos, que pouco são apreciadas como ambientes de cidade (Higuchi, Azevedo & Forsberg, 2012). Nesse sentido, torna-se necessário ponderar que tais ambientes naturais podem também incitar sentimentos de valência negativa às pessoas (Willian & Cary, 2002), seja pela ideia de natureza selvagem que pressupõe perigos reais e simbólicos, ou pelo conforto que o modo de vida urbano oferece em contraposição ao estilo campesino (Forsberg, 2012).

Ao explorar os efeitos restauradores em diferentes cenários e situações, Albuquerque, Silva e Kuhnen (2016) verificaram que o ambiente universitário, tipicamente reconhecido pela exigência em prol do desempenho acadêmico, se beneficia do contato com espaços verdes abertos. As autoras verificaram que tal cenário ambiental contribui para com o restauro psicológico e estimula a criação momentos de socialização entre as pessoas. No que concerne



ao locus de trabalho, estudos que analisaram a relação que trabalhadores de escritórios e espaços fechados tinham com as plantas, identificaram que a falta de contato com a natureza e de espaços abertos era compensada com fotos de ambientes naturais ou vasos com plantas (Shoemaker, Randaall, Rel & Geller, 1992; Bringslimark, Hartig & Patil, 2011). Entretanto, esses estudos não apontaram resultados significativos que indicassem a relação entre o contato com a natureza no ambiente de trabalho como elemento restaurador. Faz-se importante reforçar, portanto, o fato de que a restauração não ocorre, necessariamente, por haver presença de elementos favoráveis ao seu desenvolvimento, no caso a presença da natureza, mas que ela é precedida pela afetividade e pela identificação com o lugar, enaltecendo os aspectos subjetivos dessas relações (Felippe, 2015).

Tendo em vista a importância de se investigar a dimensão afetiva e o modo como o afeto potencializa ou não ambientes restauradores (Stevens, 2014), pondera-se o conceito de identidade de lugar, que possibilita atribuir significados a um espaço, ocorre não somente a partir de atributos físicos, mas também interacionais. Assim quando há um sentimento de pertencimento e um elo afetivo com o ambiente, é possível verificar o aumento da satisfação e do bem-estar (Cavalcante & Nobrega, 2011).

Em consideração às lacunas científicas mencionadas, revelam-se carências em investigações que respondam à influência de espaços verdes para o restauro psicológico em contextos de trabalho. Ainda que haja estudos indicando os benefícios para a saúde tanto física quanto mental do contato com a natureza (Cleary, Fielding, Bell, Murray, & Roiko, 2017; Ojala, Korpela, Tyrväinen, Tiittanen, & Lanki, 2018) no que se refere à saúde, especificamente do trabalhador, há avanços sobre a temática e muitas contradições, sobretudo pelas múltiplas exigências de produção (Dal Magro, Coutinho & Moré, 2016).

Para um possível diálogo entre as implicações do restauro psicológico para a saúde,



parte-se de uma inclinação epistemológica corroborada por políticas públicas, como a Política Nacional De Atenção Básica (2012) e a Política De Humanização SUS (2013), por exemplo, que visam atender e aplicar o conceito de ambiência. Este conceito considera a dimensão física de forma global por meio das implicações interpessoais das interações a partir da noção de cor, iluminação, forma, sons, privacidade e conforto (Sousa, 2015). Se uma das mais relevantes políticas brasileiras de saúde destaca a importância do ambiente físico e reitera por meio de seus pressupostos que esse ambiente físico afeta e é afetado pelas relações que neste se estabelecem, a teoria dos ambientes restauradores emergem como ponto de convergência para ações que promovam saúde e bem-estar para trabalhadores. Desse modo, propõe-se o questionamento acerca da compreensão que profissionais de um instituto de pesquisas têm sobre seu local de trabalho, enquanto ambiente construído, a respeito das conexões com os ambientes naturais que os rodeia e suas implicações na saúde e no bem-estar desses trabalhadores.

MÉTODO

Desenhado com enfoque descritivo e exploratório, esse estudo buscou descrever de que maneira os aspectos naturais e os construídos são percebidos por funcionários de um campus de um instituto de pesquisas em conexão ao conceito de ambiente restaurador como promotor de saúde e bem-estar, explorando a relação que eles desenvolvem com o lugar, a fim de identificar as interações entre os elementos físicos e as subjetividades humanas. A contribuição desta pesquisa está centrada na área dos estudos pessoa-ambiente, sobretudo, ao considerar a ainda escassa produção científica nacional sobre a temática dos ambientes restauradores em diferentes contextos.

Com delineamento que abarcou a entrevista semiestruturada, o estudo contou com 36



participantes do estudo. Todos os selecionados eram trabalhadores de um Instituto de Pesquisa localizado na cidade de Manaus, com idade entre 31 e 62 anos e vínculo profissional na instituição entre 4 e 35 anos. O estudo seguiu todos os requisitos éticos dispostos na Resolução no 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, tendo sido aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Manaus sob parecer nº 804.214.

Essa pesquisa de abordagem qualitativa, culminou no estabelecimento de categorias, que leva em conta um recorte temporal da pesquisa refletindo, pois, a realidade resguardando um corte transversal (Creswell, 2010). As categorias emergiram a partir das respostas obtidas, tematicamente categorizadas, com amparo na análise de conteúdo de Bardin (2010), onde o lugar de trabalho possui relevância a partir da composição física do ambiente.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Na medida em que os resultados especificam as ligações entre os ambientes com as propriedades benéficas relativas ao bem-estar, pôde-se, também, inferir sobre os elementos favorecedores do estresse. Nesse sentido, procedeu-se com a identificação dos aspectos que se ligam à redução psicofisiológica do estresse e ao bem-estar subjetivo, tal qual versa na teoria de Ulrich (1984). Assim como, a busca pela caracterização dos quatro fatores associados aos elementos físicos naturais e construídos, que compreendem a teoria da restauração da atenção (Kaplan & Kaplan, 1989), foi fonte de inquietação científica.

Prevaleceram assim três aspectos de compreensão entre os participantes que estão relacionados ao: a) Lugar de distinção pela forte presença da natureza (Aspectos Naturais); b) Lugar de distinção pelo tipo de infraestrutura construída (Aspectos Construídos); c) Lugar de distinção pelos desafios e contrastes entre o tipo de construções e a proximidade com o



ambiente natural (Aspectos Contrastantes).

Os participantes desta pesquisa, profissionais do Instituto de Pesquisa, permitem a compreensão de que são diferentes vozes e atores protagonizando as falas referenciadas ao longo desta seção.

Aspectos naturais

Esta categoria é composta pelos trabalhadores que compreendem seu lugar de trabalho dando saliência aos aspectos que evidenciam a dimensão da natureza tão presente e exuberante, bem como as sensações de restauro e bem estar proporcionados por essa característica. A tabela 1 ilustra a organização da análise de conteúdo realizada, apresentando os elementos temáticos obtidos.

Tabela 1.

Organização da análise de conteúdo temática categorial: aspectos naturais

Categoria	Elementos temáticos
Aspectos naturais	Natureza Beleza dos animais Floresta Tranquilidade Aconchego Isolamento Preservação Bem-estar Relaxar Contemplação Temperatura agradável Perfeição Desestressar

A percepção favorável dos elementos naturais no ambiente de trabalho é noticiada por trabalhadores que vivenciam esse lugar: *“Tudo que vem da natureza é perfeito. É uma perfeição”*.

A constância dessa natureza pode se configurar de múltiplas formas e possibilitar



vivências diversas. Da beleza dos animais à imponência da flora amazônica, nada passa despercebido aos olhos dos trabalhadores que vivenciam a floresta na porta e na janela de seus escritórios de trabalho. A percepção ambiental destes trabalhadores contempla aspectos físicos, cognitivos e emotivos (Higuchi & Kuhnen, 2011) que destacam a temperatura, a preservação e o sentimento de tranquilidade que este espaço favorece, onde *“[n]em todo mundo se dá conta da natureza, o quanto faz bem pra gente né, mas eu sinto essa paz, essa tranquilidade e a natureza mexem comigo [...] O clima assim, quando a gente entra, ser fresquinho, faz bem pra gente também, o clima né?”*

A temperatura agradável é um dos itens destacados pelos trabalhadores que repercutem o discurso, corroborados por estudos que indicam que a presença de áreas verdes tem uma influência na redução da sensação térmica de calor que causa desconforto. Lugares com áreas verdes geralmente proporcionam a percepção de uma sensação térmica mais agradável e, conseqüentemente, reduzem o estresse e aumentam o bem-estar (Carrus et al., 2013). Manaus é uma cidade cujos termômetros comumente registram temperaturas altas de calor e, de fato, as áreas mais agradáveis da cidade costumam ser as de proteção ambiental e as com maior vegetação (Silva & Aguiar, 2012).

Para os trabalhadores, a presença da natureza facilita a contemplação e *“[à]s vezes a gente para pra olhar pra perceber os ambientes, os animais passando... que você não encontra geralmente em laboratório e aqui os bichos estão soltos. Você vê cutia, macaco [...]”*. O ambiente de trabalho ter em sua configuração aspectos de forte presença da natureza (árvores, plantas, animais silvestres), que transcendem e se confundem com o próprio laboro se mostram reveladores da importância do contato com a natureza na estruturação espacial. Estes achados corroboram com os diferentes estudos que têm mostrado os benefícios de se atuar em um ambiente que favoreça um contato mais próximo com a natureza (Korpela et al.,



2017; Leong, Fischer, & McClure, 2014; Bloom et al., 2017)

De modo geral, os participantes tenderam a valorizar a natureza presente no lugar de trabalho, ponderando que, sem esse cenário, o próprio bem-estar e o desenvolvimento das atividades laborais sofreria influência. Esses dados permitem constatar que esses aspectos naturais colaboram para o fortalecimento do apego ao lugar em que estão inseridos. Tal apego implica em constatar que as dimensões funcionais (espaço físico interferindo nos comportamentos), simbólicas (conteúdo simbólico, sociocultural e individual) e relacionais (interação dinâmica entre o envolvimento social cotidiano e as características do ambiente) estão presentes (Elali & Medeiros, 2011). A percepção sobre o lugar engloba múltiplos elementos e a natureza aparece, ora como figura, ora como fundo, na qual as vivências positivas são associadas aos significados atribuídos a esse lugar contando como elemento de vínculo e apego, uma vez que *“[s]into paz quando eu entro aqui, pela organização, pelas árvores e agradeço a Deus todos os dias, nos outros locais eu não me acostumaria a trabalhar no urbano”*.

A familiaridade com o ambiente se apresenta como um indicador avaliativo importante para valoração positiva ou negativa, que engendra afeição ou desprezo (Tuan, 1980). Os dados nos revelam que, para esses servidores, a familiaridade com o lugar de trabalho possibilita uma afetividade positiva, capaz de trazer sentimentos de bem-estar e satisfação, de forma que *“[e]u me sinto bem, porque é um lugar arejado, flui uma energia boa, eu sinto isso, uma sensação muito boa, espiritual mesmo [...] estou num ambiente bom de trabalho, onde eu posso me locomover, e tendo essa ligação com a natureza”*.

A paisagem contemplada pelos trabalhadores possui ainda uma dimensão estética que envolve aspectos afetivos (Tuan, 1980). A natureza pode ainda se apresentar como recurso



estético que traz benefícios capazes de gerar emoções positivas e proporcionar interações agradáveis. Observou-se, assim, que para alguns servidores é possível vivenciar de diferentes formas as possibilidades que esse espaço oferece. Nesse sentido, “[a] *questão das árvores... às vezes tá florido sabe bonito! Aí a gente para pra olhar, às vezes tá fazendo chuva de semente sabe? Fica bonito*”. Tais possibilidades, por sua vez, se manifestam em comportamentos de acordo com o arranjo espacial onde atuam suas funções de trabalho.

O arranjo espacial que permite o contato ou a visualização dos elementos naturais (plantas, animais) interfere de forma positiva nessa rotina e oferece uma possibilidade a mais, diferente de outros ambientes não florestados. Assim é nesse arranjo espacial que vivem um diferencial na rotina de trabalho que ocorre a partir do “*impacto florestal,[que] é como se eu entrasse em um paraíso, sair do externo, de muita coisa, poluição, carros... A gente entra em um ambiente que muda tudo*”. A possibilidade de olhar elementos naturais até mesmo por uma janela traz efeitos positivos para a rotina e ambiente de trabalho em vários aspectos, tanto funcionais como psicológicos (Kaplan, 1993). Estes aspectos são relatados pelos trabalhadores que fazem comparações e relatam a sensação que esse ambiente oportuniza, considerando “[t]oda essa pressão, calor, estresse [...] esse conjunto de trânsito estressante, a gente se isola aqui e essas árvores aqui funcionam como uma redoma que protege”.

O ambiente natural também é reconhecido por restaurar as emoções, sendo que “[s]e eu estou triste por alguma razão eu dou uma volta, olho essas árvores que tem no bosque, dou uma olhada, aquilo vai... sabe? Só de olhar essa natureza eu me sinto muito bem”. Os benefícios obtidos pela proximidade com a natureza contribuem no descanso e na eliminação dos efeitos da fadiga mental, que acontece quando somos expostos a determinado tipo de atividade por muito tempo, requerendo muito uso da atenção concentrada, como nas atividades laborais (Alves,2011, Kaplan,1993).



Os servidores do instituto destacam o poder de restauro psicológico dos ambientes naturais, em momentos “quando eu estou estressado demais eu dou uma volta, caminho no bosque, fico observando, tentando entender como é que aquela vegetação fica ali, como é pra ela crescer, se desenvolver [...] fico viajando e meus problemas se dissipam”. Ulrich (1991) afirma que a natureza é capaz de reduzir o estresse que ocorre diante de situações que se configuram como ameaçadoras e se opõem a sensação de bem-estar. É possível notar que entre os trabalhadores há os que percebem na contemplação da natureza uma forma de recuperar o estresse da rotina de trabalho, como elemento que oferece descanso a partir das características restauradoras desse ambiente natural.

Aspectos construídos

Essa categoria se refere ao lugar de trabalho tendo os aspectos construídos como fator de destaque que adquire significado peculiar em função da área florestada. É do lugar dos prédios que os servidores do instituto vislumbram a natureza como elemento complementar do trabalho. A Tabela 2 ilustra a organização da análise de conteúdo realizada, bem como os elementos temáticos obtidos.

Tabela 2.

Organização da análise de conteúdo temática categorial: aspectos construídos.

Categoria	Elementos temáticos
Aspectos construídos	Encontro Confraternização Portas e janelas de vidro Interação Isolamento do urbano Infraestrutura boa Menos ruído Menos poluição

O fato de trabalhar num prédio térreo que dá acesso rápido ao entorno florestado, toma sentido diferenciado para esse grupo de servidores cujo lugar de trabalho toma o ambiente



construído como central. A arquitetura plana assegura sensações de agradabilidade, uma vez que “[...] me agrada trabalhar num lugar diferente do que num prédio de muitos andares, numa sala onde você não tem muito que ver nem pra onde ir. Me agrada essa sensação de liberdade aqui dentro”.

Nas diretrizes da Política Nacional de Humanização (Ministério da Saúde, 2013) existem componentes que atuam como modificadores e qualificadores do espaço físico, cuja presença equilibrada e harmônica pode criar ambiências acolhedoras, contribuindo enormemente na promoção da saúde. Nesse sentido, entende-se por ambiência “o tratamento dado ao espaço físico entendido como espaço social, profissional e de relações interpessoais que deve proporcionar atenção acolhedora, humana e resolutiva, considerando alguns elementos que atuam como catalisadores da inter-relação homem-espaço” (Ministério da Saúde, 2004 p.5).

Em destaque, também, foi citada a disposição e a forma como as salas são organizadas, contribuindo para uma percepção favorável do seu ambiente de trabalho. Ainda que a natureza esteja presente em seu discurso, aqui deve ser destacado o papel do ambiente construído, que se transforma em “*uma visão perfeita! Ah, os vidros, a transparência... ela te permite essa interação com a natureza. Parece que você não tá só. [Se] colocar uma parede ali e você ficaria isolado*”. A possibilidade de se ter uma visão para o céu ou para a paisagem florestal, através do vidro nas paredes ou nas janelas já tem sido provado como elemento que favorece a restauração psicológica para residentes de cidades densamente urbanizadas (Masoudinejad & Hartig, 2018; Ryan et al., 2010).

Manaus, como outras cidades brasileiras, se configura como uma grande cidade extremamente apinhada, embora esteja localizada numa região de baixa densidade populacional. A capital do Estado do Amazonas possui mais de 2,6 milhões de habitantes e



contabilizando a quarta maior área urbana do país com 427 quilômetros quadrados (IBGE, 2018). Manaus é formada por contradições cuja identidade associada à localização nos limites da maior floresta tropical do mundo se perde no limite urbano favorecendo a selva de concreto (Costa, 2011). Desse modo, reforça-se a importância de que os achados científicos obtidos colaborem com a ressignificação de ambientes de trabalho, para que contemplem em sua arquitetura elementos que proporcionem o escape, o descanso para o restauro psicológico e a retomada das atividades laborais com menos fadiga (Alves, 2011; Hartig, Kaiser, & Bowler, 2001).

Nesse sentido Ribeiro (2005) argumenta a importância de se estudar o contexto organizacional (motivações, atitudes, satisfação, cultura organizacional) dado o caráter transacional que busca entender as relações imbricadas a partir da interação com os aspectos físicos sejam eles positivos ou negativos. Para esse autor, a Psicologia Ambiental, quando tomada como perspectiva de estudo desses espaços, não tem a pretensão de verificar exclusivamente fatores ambientais que aumentam ou diminuem o rendimento no trabalho, sua proposta abarca a sugestão de ambientes que facilitem uma interação favorável entre pessoa-ambiente, repercutindo na qualidade de vida.

Condições adversas de ambiência no trabalho em cujo entorno prevalecem prédios, ruas e vias movimentadas, estressores produzidos por agentes físicos (como ruído, calor, vibrações, pressões e radiações) ou por agentes químicos (como fumo, poeira, gases, vapores) reduzem a saúde física e emocional dos trabalhadores em qualquer contexto organizacional, implicando altos níveis de stress (Leather, Beale, & Sullivan, 2003). Nesse sentido, segundo esses servidores, o campus do instituto com suas construções numa área permeada pela natureza minimiza esses estressores urbanos, pois aqui *“temos ruído de veículos bem menor, uma poluição do tráfego bem menor, barulho externo é menor também”*.



Construir ambientes que atendam às possíveis adversidade laborais se alinham com os pressupostos da ambiência, visto que o conforto produzido pelas condições internas (iluminação, temperatura, morfologia, arranjos espaciais, cheiros, cores) e externas (áreas de descanso, presença de áreas arborizadas e jardins, arquitetura dos prédios) podem ter uma série de efeitos sobre a saúde e bem-estar dos trabalhadores (Berlinck & Magtaz, 2008). Assim *“o ideal seria que todos os espaços fossem de vidro, é muito legal porque você tá vendo os macacos, as árvores, e é importante esse contato com a natureza faz bem”*.

Para Fischer (1994) o trabalho como espaço vivido pode ser entendido como um ambiente humano que é social na sua própria estrutura, sendo produto de intervenções que determinam o contexto no qual as pessoas estão inseridas. O ambiente físico é vivenciado de forma integral, incluindo aspectos sociais, afetivos, cognitivos, culturais e organizacionais.

Aspectos contrastantes

Compõem esta categoria modos de compreensão do lugar de trabalho direcionados a compreender sob distintas perspectivas os contrastes percebidos na relação que os participantes estabelecem com o ambiente em que trabalham. Na Tabela 3 são ilustrados os elementos temáticos obtidos e a organização da análise de conteúdo realizada.

Tabela 3.

Organização da análise de conteúdo temática categorial: contrastes e conexões

Categoria	Elementos temáticos
Contrastes	Calor Amazonense Cuidado ambiental Identidade de lugar Bolha Animais peçonhentos Falta de privacidade Floresta



As ideias transpostas pelos participantes dialogam no sentido de ancorar preferências ambientais dentro de uma estrutura organizacional peculiar. Ser amazônico envolve uma identidade que se exprime pelas vivências proporcionadas nesse espaço, de tal modo que o campus é uma ilha que neutraliza o contraste das altas temperaturas. O apego e a identidade de lugar se manifestam de forma que *“Eu sou muito apaixonado por essa floresta. Eu sou louco por floresta, por esse verde. Eu não consigo ficar longe de Manaus por muito tempo. Por mais que tenha muito calor sempre, é como se aqui (campus) fosse uma bolha pra te expulsar, depois que passa o calor”*. Tal manifestação afetiva pelo verde da floresta amazônica, encontra suporte nesse ambiente de trabalho, amenizando estressores externos comuns em outros lugares de trabalho da cidade.

Internamente, em qualquer ambiente de trabalho diversos elementos destacam-se como potenciais estressores, tais como: a falta de privacidade e a ausência de espaços que dificultam o isolamento (Kim & de Dear, 2013). A necessidade de haver lugares de encontro, de confraternização e de acesso a uma boa infraestrutura no trabalho ressaltam elementos que se constituem no campo do ambiente construído. Enquanto a natureza tem seu valor, locais para socialização quando ausentes, atuam como estressores de modo que *“Sinto falta de espaço de recreação para os funcionários, para eles se encontrarem não só na cantina. Já visitei outras empresas eles têm espaços onde tem jogos, academia pras pessoas se encontrarem e conversarem quando estão fazendo alguma coisa, algum lazer...”*.

O ambiente de trabalho é o espaço no qual muitas pessoas passam a maior parte do tempo de suas vidas. Ao entendê-lo como espaço social, sua dimensão subjetiva revela significados distintos permeados por uma diversidade de possíveis relações a serem estabelecidas a partir da funcionalidade presente (Iñiguez & Vivas, 2002; Ribeiro, 2005; Cruz, 2009). Nesse viés, ao mesmo tempo em que os comportamentos desenvolvidos nesses



espaços permitem informar sobre os modos de uso e as práticas estabelecidas, pode-se também inferir que os arranjos ambientais permitem compreensões acerca das atividades humanas executadas.

Em análise sobre seu espaço pessoal, destaca: *“aqui nossas paredes são de vidro e às vezes me incomoda a falta de privacidade que elas geram [...] mas eu gosto que elas sejam de vidro porque se eu levantar a cabeça eu vejo plantas, animais”*. Segundo Fischer (1994) os aspectos físicos do lugar por meio do qual as atividades são desenvolvidas atuam como fatores de influência, um sistema complexo que inclui temperatura, iluminação, ruído, isolamento, tamanho, cores e tonalidades afetam as condições de trabalho e interferem no comportamento das pessoas (Sousa, 2015).

Higuchi e Silva (2013) salientam que as construções possibilitam diversidades nas relações dos seres humanos entre si e destes com outros organismos, vivos ou não vivos. As subjetividades intrínsecas a tais interações, por sua vez, ocorrem a partir da internalização de signos presentes no entorno, organizados em um sistema simbólico. O ambiente como um todo, considerando as atividades laborais, a estrutura mobiliária e os arranjos espaciais são aspectos decisórios para fazer divisões entre um trabalho que promove o bem-estar e saúde e aquele que leva ao adoecimento físico e/ou emocional (Dantas, 2011).

Para compreender a diversidade de experiências interacionais das pessoas com diferentes ambientes naturais, Biedenweg, Scott e Scott (2017) realizaram uma investigação que enalteceu a importância de tais cenários para o bem-estar humano, conectando-o à percepção de satisfação com a vida. Nesse sentido, a afetividade com o meio auxilia na construção de uma identidade de lugar, isto é, transcender a ideia de que habitar um território é uma mera ocupação física e espacial, pois as pessoas necessitam perceber o lugar como próprio, o que auxilia na construção da sua personalidade (Pol, 1996).



Apesar de todos os elementos estéticos e naturais estão presente nos servidores insegurança e temores diante de possíveis acidentes ocasionados por características próprias desse ecossistema florestal seja *“Uma cobra, uma aranha, esses animais peçonhentos [...] cobra coral, escorpião, algum acidente natural assim, como uma árvore antiga cair”*. Esse receio não é apenas imaginário mas muito presente no cotidiano, tendo eu vista que *“[j]á aconteceu de cair uma manga em mim e eu fui parar no hospital. Eu estava caminhando pra entrar no carro e a manga veio com todo gás e eu acabei indo para o pronto socorro, eu fiquei mal”*. O medo de tais animais e intempéries naturais, é de certa forma relativizada, pois *“aqui é um espaço ecológico né, eu é que tenho que tá preparada pra ele, não ele pra mim né?!”*.

Compreender o fluxo dos sentimentos e percepções que as pessoas estabelecem sobre os lugares é um exercício dinâmico, mutável e recheado de variáveis e vivências que recriam, constantemente, tais sensações. Enquanto a afetividade positiva é capaz de gerar ações benéficas e sustentáveis para com a natureza, apresenta-se como fator de agradabilidade que favorece sentimentos positivos no lugar de trabalho, na sua valência negativa ele é capaz de repelir, estimular a falta de cuidado e desencorajar a exploração sobre os diferentes modos de uso e possibilidades de habitação (Sousa, 2015; Silveira, 2017). Tais reflexões corroboram com as (re) construções de ambientes de trabalho nos quais a natureza se faça presente, visto que espaço físico e social se constituem mutuamente na atribuição de significados (Fischer, 1994).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na intenção de gerar reflexões sobre ambientes de trabalho saudáveis, satisfatórios e comprometidos sustentavelmente, foram ponderados diversos fatores inerentes à relação



pessoa-ambiente estabelecidas no lugar analisado. Enquanto lócus de trabalho com características específicas e peculiares de uma região brasileira, o campus principal do Instituto de Pesquisas, permeado pela complexidade da Amazônia possibilitou tecer enlaces e confrontos acerca da compreensão que profissionais têm sobre seu local de trabalho. Nesse exercício autorreflexivo, os participantes destacaram suas conexões com os ambientes naturais e construídos de distintos modos, mas com a comum verbalização que inclui o entorno florestal como espaço ao qual pertencem e desenvolvem afetividade.

Ao assumir o compromisso científico de repensar a construção dos modos de entendimento da relação profissionais com ambiente de trabalho sob o viés da Psicologia Ambiental, amplia-se o foco para promoção de bem-estar e de uma relação saudável entre pessoas e ambientes. Observou-se que os participantes referem afetos positivos sobre seu lugar de trabalho e a proximidade com a natureza, numa ponderação sobre ambiente físico e social que reforçam seus sentimentos de realização pessoal, profissional, pertencimento e orgulho por fazer parte da instituição. Percebem, de modo geral, as características físicas do lugar como agradáveis, ainda que entendam alguns aspectos como desfavoráveis ao bem-estar. A natureza possibilita amenizar os dissabores do mundo do trabalho e oferece possibilidade de contemplação e interação que proporcionam escape e distanciamento de possíveis problemas ou situações desgastantes durante a rotina de trabalho.

Para verificar a implicação dos diferentes ambientes na saúde de trabalhadores foi utilizada como base a noção de ambiência e o embasamento teórico das teorias de ambientes restauradores. Em conexão à epistemologia norteadora deste estudo, que se baseia na Psicologia Ambiental, verificou-se que a leitura dos resultados permitiu a compreensão quanto ao fato dos principais estressores e elementos de fadiga da atenção serem dualisticamente citados, tais como as paredes de vidro e a natureza em estado nativo. Na



medida em que esses elementos potencializam a sensação de bem-estar, também contribuem com o prejuízo da privacidade e com o receio de intempéries com a própria saúde física e com patrimônio material.

A familiaridade com esse ambiente possibilita uma percepção realista da natureza ao reconhecer tanto seus benefícios quanto os elementos estressores e desafiadores que esta impõe. Exatamente por tais contrastes e conexões acredita-se que ambientes que contemplem elementos da natureza em sua estrutura são potencialmente benéficos para os trabalhadores e são capazes de atuar na promoção de saúde e bem-estar.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, D. D. S., Silva, D. S., & Kuhnen, A. (2016). Preferências Ambientais e Possibilidades de Restauro Psicológico em Campi Universitários. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 36(4), 893-906.
- Alves, S.M. (2011). Ambientes Restauradores. In S. Cavalcante, & G.A. Elali (org.), *Temas Básicos em Psicologia Ambiental* (pp. 44-52). São Paulo: Editora Vozes
- Bardin, L. (2010). *Análise de conteúdo* (70th ed.). Lisboa: Edições.
- Berlinck, M.T., & Magtaz, A.C. (2008). Reflexões sobre O caso de Ellen West: estudo antropológico-clínico, de Binswanger. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 11(2), 232-238. Retrieved July 14, 2014, from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141547142008000200005&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1415-47142008000200005.
- Bloom, J., Sianoja, M., Korpela, K., Tuomisto, M., Lilja, A., Geurts, S., & Kinnunen, U. (2017). Effects of park walks and relaxation exercises during lunch breaks on recovery from job stress: Two randomized controlled trials. *Journal of Environmental Psychology*, 51, 14–30. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2017.03.006>
- Bonnes, M., Passafaro, P., & Carrus, G. (2011). The ambivalence of attitudes toward urban green areas: Between proenvironmental worldviews and daily residential experience. *Environment and Behavior*, 43, 207-232. <https://doi.org/10.1177/0013916509354699>
- Brasil. Ministério da Saúde. (2012). *Política Nacional de Atenção Básica*. Brasília. Disponível em: <http://portal.saude.gov.br/saude/area.cfm?id_area=390>. Acesso em: 7 out. 2018
- Brasil. Ministério da Saúde. (2013). *Política Nacional de Humanização: humanizaSUS*. 1ª ed. Brasília.
- Bringslimark, T., Hartig, T., & Patil, G. G. (2011). Adaptation to windowlessness: Do Office



- workers Compensate for a Lack of Visual Access to the Outdoors? *Environment and Behavior*, 43(4), 469–487. doi.org/10.1177/0013916510368351
- Carrus, G., Laforteza, R., Colangelo, G., Dentamaro, I., Scopelliti, M., & Sanesi, G. (2013). Relations between naturalness and perceived restorativeness of different urban green spaces Las relaciones entre la naturalidad y el potencial restaurador percibido de diferentes zonas verdes urbanas. *Psychology*, 4, 227–244. doi.org/10.1174/217119713807749869
- Cavalcante, S., & Nóbrega, L. M. A. (2011). Espaço e Lugar. In: cavalcante, S.; Elali, Gleice (Orgs). *Temas básicos em Psicologia Ambiental*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Cleary, A., Fielding, K. S., Bell, S. L., Murray, Z., & Roiko, A. (2017). Exploring potential mechanisms involved in the relationship between eudaimonic wellbeing and nature connection. *Landscape and Urban Planning*, 158, 119–128. https://doi.org/10.1016/j.landurbplan.2016.10.003
- Corral-Verdugo, V. (2012). *Sustentabilidad y Psicología Positiva: una visión optimista de las conductas proambientales y prosociales*. Mexico: Editorial el Manual Moderno.
- Costa, C. R. (2011). Subjetividade e Trabalho na Amazônia. In Moraes, R. D. & A. Vasconcelos. *Subjetividade e trabalho com automação* (pp. 38-54). Manaus: EDUA.
- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed.
- Cruz, R. B. (2009). Trabalho, Saúde e Ambiente. In: Kuhnen et al. [org.]. *Interações Pessoa-ambiente e Saúde*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Dal Magro, M. L. P., Coutinho, M. C. & Moré, C. L. O. O. (2016). Relações de poder na atenção à saúde do trabalhador formal: o caso da indústria de abate e processamento de carnes. *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*, 41(e4). https://doi.org/10.1590/2317-6369000100314
- Dantas, A. N. M. (2011). *Abordagem dos Profissionais de Saúde Frente aos Programas de Prevenção de Perdas Auditiva no Polo Industrial de Manaus*. Dissertação de Mestrado. Manaus/AM: Universidade Federal do Amazonas.
- Elali, G. A., & Medeiros, S. T. F. (2011). Apego ao lugar. In S. Cavalcante, & G.A. Elali (org.), *Temas Básicos em Psicologia Ambiental* (pp. 53-62). São Paulo: Editora Vozes.
- Felippe, M. L. (2015). *Ambiente fisico e linguaggio ambientale nel processo di rigenerazione affettiva dallo stress in camere di degenza pediátrica*. Tese de Doutorado. Ferrara/Itália: Università degli Studi di Ferrara.
- Felippe, M. L., Kuhnen, A., Silveira, B. B., & Lelli, G. (2017). What Is a Restorative Hospital Environment? Environmental Meaning, Affective Stress Restoration and Physical Attributes in Pediatric Inpatient Rooms. *Children, Youth and Environments*, 27(1), 17–46.
- Fischer, G. (1994). *Psicologia Social do Ambiente*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Forsberg, S.S (2012). *Processos cognitivos relacionados à transformação da floresta amazônica: Um estudo com adolescentes e jovens de Manaus e da RDS do Uatumã*. Dissertação de Mestrado. Manaus/AM: Universidade Federal do Amazonas.



- Gidlow, C. J., Randall, J., Gillman, J., Smith, G. R., & Jones, M. V. (2016). Natural environments and chronic stress measured by hair cortisol. *Landscape and urban Planning, 148*, 61-67.
- Gressler, S. C., & de Araújo Günther, I. (2013). Ambientes restauradores: Definição, histórico, abordagens e pesquisas. *Estudos de Psicologia, 18*(3).
- Gressler, S. C. (2014). *O descanso e a teoria dos ambientes restauradores*. Tese de Doutorado. Brasília/DF: Universidade de Brasília.
- Hartig, T., Kaiser, F. G., & Bowler, P. A. (2001). Psychological restoration in nature as a positive motivation for ecological behavior. *Environment and Behavior, 33*(4), 590-607. <https://doi.org/10.1177/00139160121973142>
- Higuchi, M.I.G., Azevedo, G.C., & Forsberg, S. S. (2012). A Floresta e sociedade: ideias e práticas históricas. In: Higuchi, M.I.G.; Higuchi, N. (Orgs.) *A floresta amazônica e suas múltiplas dimensões: uma proposta de educação ambiental*. 2.ed.rev. e ampl. Manaus, 311-357.
- Higuchi, M. I. G., & Calegare, M. (2013). Percepções sobre a floresta amazônica, áreas verdes e manejo ambiental. In Higuchi, Maria Inês Gasparetto; Freitas, C.C; Higuchi, N. (Orgs.). *Morar e viver em Unidades de Conservação no Amazonas: considerações socioambientais para os planos de manejo*. Manaus: Edição do autor.
- Higuchi, M. I. G. & Kuhnen, A. (2011). Percepção Ambiental. In Cavalcante, S.; Elali, G. A. (Orgs). *Temas básicos em psicologia ambiental*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Higuchi, M. I. G., & Silva, K. (2013). *Entre a floresta e a cidade: percepção do espaço social de moradia em adolescentes*. *Psicologia para América Latina, 25*, 5 - 23.
- Íñiguez, L., & Vivias, P. (2002). Ambientes Laborales. In J.I. Aragonés, & M. Amérigo (Orgs.), *Psicologia Ambiental*. Madrid: Ediciones Pirámide.
- Kaplan, R., & Kaplan, S. (1989). *The experience of nature: A psychological perspective*. Cambridge University Press.
- Kaplan, R. (1993). The role of nature in the context of the workplace. *Landscape and Urban Planning, 26*(1-4), 193–201. [https://doi.org/10.1016/0169-2046\(93\)90016-7](https://doi.org/10.1016/0169-2046(93)90016-7)
- Kim, J., & de Dear, R. (2013). Workspace satisfaction: The privacy-communication trade-off in open-plan offices. *Journal of Environmental Psychology, 36*, 18–26. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2013.06.007>
- Korpela, K., Nummi, T., Lipiäinen, L., De Bloom, J., Sianoja, M., Pasanen, T., & Kinnunen, U. (2017). Nature exposure predicts well-being trajectory groups among employees across two years. *Journal of Environmental Psychology, 52*, 81–91. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2017.06.002>
- Kuhnen, A. (2009). Interações humano-ambientais e comportamentos sócio espaciais. In: Kuhnen, A., Cruz, R. M., & Takase, E. (Eds.), *Interações Pessoa-Ambiente e Saúde*, p. 15-35. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Kuhnen, A.; Higuchi, M.I.G.(2011). Percepção Ambiental. In: Cavalcante, S., Elali, G. (Orgs). *Temas Básicos em Psicologia Ambiental*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Leather, P., Beale, D., & Sullivan, L. (2003). Noise, psychosocial stress and their interaction



- in the workplace. *Journal of Environmental Psychology*, 23 213–222. <https://doi.org/10.1093/occmed/kqr02423>, 213–222.
- Leong, L. Y. C., Fischer, R., & McClure, J. (2014). Are nature lovers more innovative? The relationship between connectedness with nature and cognitive styles. *Journal of Environmental Psychology*, 40, 57–63. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2014.03.007>
- Masoudinejad, S., & Hartig, T. (2018). Window View to the Sky as a Restorative Resource for Residents in Densely Populated Cities. *Environment and Behavior*, 26. <https://doi.org/10.1177/0013916518807274>
- Nisbet, E. K., Zelenski, J. M., & Murphy, S. A. (2011). Happiness is in our nature: Exploring nature relatedness as a contributor to subjective well-being. *Journal of Happiness Studies*, 12, 303–322. <https://doi.org/10.1007/s10902-010-9197-7>
- Ojala, A., Korpela, K., Tyrväinen, L., Tiittanen, P., & Lanki, T. (2018). Restorative effects of urban green environments and the role of urban-nature orientedness and noise sensitivity: A field experiment. *Health and Place* (In Press). <https://doi.org/10.1016/j.healthplace.2018.11.004>
- Ratcliffe, E., Gatersleben, B., & Sowden, P. T. (2013). Bird sounds and their contributions to perceived attention restoration and stress recovery. *Journal of Environmental Psychology*, 36, 221-228.
- Ribeiro, T. (2005). Ambientes Laborais: Espaços de trabalho em contexto organizacional. In Socza, L. (Org.) *Contextos Humanos e Psicologia Ambiental*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ryan, R.M., Weinstein, N., Bernstein, J., Brown, K.W., Mistretta, L., & Gagne, M. (2010). Vitalizing Effect of Being Outdoors and in Nature. *Journal of Environmental Psychology*, 30(2), 159-168. <https://doi.org/10.1016/j.jenvp.2009.10.009>
- San Juan, C., Subiza-Pérez, M., & Vozmediano, L. (2017). Restoration and the City: The Role of Public Urban Squares. *Frontiers in psychology*, 8, 2093.
- Shoemaker, C.A., Randaall, K., Relf, D., & Geller, E.S. (1992). Relationships between plants, behavior and attitudes in an office environment. *Hort Technology*, 2, 205-206.
- Silva, D. A. & Aguiar, F. E. O (2012). Ilha de calor na cidade de Manaus: Especulação ou realidade? *Revista Geonorte*, 1 (6), p.49 – 65.
- Silveira, B. B. (2017). *Estresse e restauração: aspectos físicos e psicológicos de um hospital de custódia*. Florianópolis/SC: Universidade Federal de Santa Catarina.
- Sousa, A. de L., Medeiros, J. de S., Albuquerque, D. da S., & Higuchi, M. I. G. (2015). Parque Verde Urbano como Espaço de Desenvolvimento Psicossocial e Sensibilização Socioambiental, *Psico*, 46(3), 301–310. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2015.3.17423>
- Sousa, A. L. (2015). *A floresta na porta e na janela: percepções sobre o lugar de trabalho em um fragmento florestal urbano*. Dissertação de Mestrado. Manaus/AM: Universidade Federal do Amazonas.
- Stevens, P. (2014). Affective priming of perceived environmental restorativeness. *International Journal of Psychology*, 49(1), 51-55.



- Tuan, T. (1980). *Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. São Paulo: DIFEL
- Ulrich, R. S. (1984). View through a window may influence recovery from surgery. *Science*, 224(4647), 420–421. <https://doi.org/10.1126/science.6143402>
- Ulrich, R. S. (1999). Effects of gardens on health outcomes: theory and research, In Marcus C. C., Barnes M. (Orgs.). *Healing gardens: therapeutic benefits and design recommendations*, John Wiley & Sons, New York, pp. 27-86.
- Ulrich, R. S. (1991). Stress Recovery During Exposure to Natural and Urban Environments. *Journal of Environmental Psychology*, 11, 201-230.

AUTORIA:

Adria de Lima Sousa

Enquadramento institucional: Psicóloga, atualmente cursa doutorado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Telefone: (92)8141-5134

E-mail: adriapsique@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7395-1806>

País: Brasil

Maria Inês Gasparetto Higuchi

Enquadramento institucional: Doutora em Antropologia Social, Pesquisadora titular no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus-AM, Brasil.

Telefone: (92)9995-6431

E-mail: higuchi.mig@gmail.com

Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-6525-4018>

País: Brasil

Bettieli Barboza da Silveira

Enquadramento institucional: Psicóloga, Doutora em Psicologia, Docente Adjunta na Universidade do Estado de Minas Gerais.

E-mail: bettieli.bs@gmail.com

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-1935-3004>

País: Brasil